

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

ALGUNS ELEMENTOS DA ESPELEOLOGIA BRASILEIRA

MARC FAVERJON
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE



A Few Comments on Brazilian Speleology

More than a mutual desire to explore and research caves, friendship can be pointed as the main reason that led to the four French-Brazilian expeditions that have joined GBPE and GSBM together up to now, such as 'Bahia 2001'.

In this article, French caver Marc Faverjon describes the reasons that brought him to Brazil, as well as his first impressions on the Brazilian karst, caves and caving techniques.

Acima, travessia de balsa no rio São Francisco. Foto: Jean François Perret

6 raças ao silêncio de uma pequena rua d'Ardèche, as lembranças da suave loucura de uma incursão no coração do Brasil subterrâneo voltam à memória, e não serão esquecidas por mim e nem por meus companheiros, que já contraíram o vírus desde pequeninhos.

O Brasil é um país imenso e plano. O combustível pode acabar no meio de 400km de linha reta sem que se perceba que o último posto de gasolina já tinha sido deixado para trás há muito tempo.

No fim da linha reta aparecem algumas serras cobertas de laterita, no meio das quais um olho atento logo reconhece recortes de paredões calcários escuros, típicos do carste tropical. É quase impossível chegar lá por acaso. O país é realmente grande demais para permitir esta fantasia. Mas o carste que se encontra no fim dessa linha reta encerra todas as oportunidades de saciar a sede de descoberta; pode também desnortear qualquer espeleólogo.

As principais áreas de interesse espeleológico conhecidas

encontram-se nos estados da Bahia, de Goiás, de Minas Gerais, de São Paulo e do Mato Grosso, ou seja, na parte centro-sul do Brasil. No sul do estado de São Paulo, assim como no norte da Amazônia, grande parte do carste e muitas cavidades são até hoje desconhecidos.

Para mim, tudo começou numa noite de maio de 1996, durante o segundo colóquio sobre diversas expedições, realizado em Méjannes le Clap. Lá eu tive a oportunidade de assistir às projeções dos slides das primeiras expedições Goiás 94/95, de que tomou parte o GSBM. Guardo na mente alguns desses slides, os quais posso até hoje muito bem descrever.

Cinco anos mais tarde, e após ter-me mudado para o vale inferior do Ródano, surgiu, enfim, a oportunidade de poder descobrir o Brasil junto com a equipe de Bagnols. O grupo é surpreendente, o que pode parecer natural para uma expedição nacional, mas este sobressai dentre as equipes de choque. Em cima da pirâmide encontra-se o Jef, "le chef", seguido no organograma por Olivier, a espiritualidade zen. Aliás: "la capote", Bento "as boas dicas", Gilles, Valérie, Joël, muito menos tranqüilo do que parece, Jean-Loup, Guy "o eremita", "la soucoupe", melhor conhecido pelo nome de Jacques, e a sua companheira Nelly.

Apesar disso, ou seja, graças a isso, a capacidade de entendimento e de organização da equipe é realmente excepcional.

Após mais de um ano de preparativos chegamos finalmente a Belo Horizonte, onde encontramos nossos amigos brasileiros do Bambuí. A equipe brasileira é tão heterogênea como a francesa. Nela encontram-se exploradores fanáticos, intelectuais mais reflexivos e outros, sempre prontos a animar

o ambiente e a vida do grupo.

A espeleologia brasileira organiza-se em torno de alguns clubes. O Bambuí, com o qual colaboramos, é um dos mais importantes do país e, sem dúvida, o mais ativo. Os brasileiros costumam trabalhar, nas etapas de exploração, em períodos de mais ou menos 10 dias. Assim eles realizam várias expedições por ano a lugares variados e retornam, em média uma vez por ano, a cada um de seus palcos de exploração.

Para esta expedição nosso objetivo era duplo: explorar a serra do Ramalho, no estado da Bahia, e o maciço do Caraça, em Minas Gerais.

Na Bahia, as cavidades horizontais e quentes predominam (em média 22° a 23° C de temperatura ambiente). O equipamento ideal compõe-se de sapatos leves para caminhar, um macacão de brim e, por baixo, uma bermuda de lycra tipo ciclista. Pessoalmente, tive uma desventura, porque esqueci-me deste último equipamento, que permite evitar os doloridos ferimentos. Para explorar as grutas aquáticas é aconselhável completar a indumentária com uma camiseta tipo "rovy". O equipamento vertical serve só de vez em quando e fica, na maior parte do tempo, no fundo da mochila ou no acampamento; raramente no corpo. Muitas vezes um cinto confortável pode substituí-lo de modo eficaz. As luvas são recomendadas, tanto para as caminhadas no mato (em razão dos cactos, das plantas cortantes e dos lapiaz), quanto para as explorações subterrâneas. Para o percurso e, sobretudo, para a topografia de longos trechos aquáticos, os brasileiros recorrem à técnica da "câmara de ar", perfeitamente adaptada ao contexto. Esta técnica consiste em, assentado numa dessas bóias, manter a parte superior do corpo

seca e a bunda molhada, o que não é de todo ruim devido à temperatura agradável da água. Ao invés de transportar as câmaras de ar cheias durante a caminhada para só depois usá-las no mundo subterrâneo, os brasileiros deveriam lançar mão de uma boa bomba para enchê-las só na hora H. Isso constituiria uma melhoria significativa.

Graças às dicas dos fazendeiros, recolhidas aqui e acolá, a prospecção pode começar; mas, fato inédito desta safra 2001, mapas 1/100.000 e fotos aéreas das áreas estudadas ajudaram-nos também na prospecção. Tivemos também a oportunidade de aproveitar as publicações anteriores do Bambuí, de grande qualidade, que constituem uma excelente base de trabalho.

Os abismos são numerosos, nem sempre fáceis de localizar, principalmente devido à imensidão do planalto. É necessário salientar que muitas das entradas do sistema da Baiana eram completamente desconhecidas dos fazendeiros. Como em praticamente todos os carstes do mundo, o que prevalece é a perspicácia e a perseverança do explorador, que permitem encontrar redes interessantes.

As explorações seguem no ritmo do país, entre duas noites regadas a caipirinha, mas sempre com impressionante rigor. Nessas terras, para exercer as atividades de espeleólogo é melhor deixar o frenesi e a excitação do outro lado do equador. As explorações sucedem-se lentamente, mas de forma rigorosa. As realizadas durante a presente expedição somaram 17km de galerias a mais ao total, que já é de mais de 100km.

No Brasil, a topografia, indispensável para entender uma cavidade, é uma técnica que se aprende antes do uso do



Pousada do Zé na Agrovila 23
Foto: Jean François Perret

“descendeur”, quase em tenra idade, e vem sendo praticada por todos os membros da presente expedição. Neste contexto particular, é um real prazer participar dessas expedições em tão boa companhia e ver ampliarem-se novos sistemas cársticos no meio desta imensidão.

Ao término de três semanas passadas nas estradas vicinais da Bahia, no meio da poeira levantada pelas rodas das Kombis, assim como nos meandros dos programas, as idéias inabaláveis de nosso chefe nos conduzem 500km para o leste da Serra do Ramalho, ao verdejante Goiás.

São Domingos oferece uma outra face do Brasil subterrâneo, tão fascinante como as outras: água, muita água, toda a água que a poeira da Bahia nos fez esquecer.

Uma semana mais tarde, é a vez dos quartzitos do Caraça, situados a mais de 2000m de altitude constituírem nosso novo cenário. Após as grandes planícies do sertão, a mudança é tão radical que é difícil imaginar estar ainda no mesmo país.

Uma só diretriz norteou nosso caminho: o prazer de praticar a bela espeleologia em tão boa companhia.

Obrigado a todos pela viagem! 

*Première expérience
ou quelques éléments
de spéléologie brésilienne*

*Marc Faverjon
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule*

Le silence d'une petite rue d'Ardèche me replonge dans la douce folie d'une incursion au cœur du Brésil souterrain, que je ne suis pas plus enclin à oublier que mes condisciples tombés tout petits dans la marmite.

Ce Brésil est immense, démesurément plat. On y tombe en panne d'essence au milieu de 400 km de ligne droite sans avoir eu le temps de réaliser que l'on a laissé la dernière pompe bien loin. Au bout de la ligne droite apparaissent quelques collines couvertes de latérites au milieu desquelles un œil avisé reconnaît tout de suite des crans de falaises de calcaire noir typique de ces karsts subtropicaux. On n'y arrive pas par hasard, loin s'en faut. Le pays est vraiment trop grand pour que l'on puisse

se permettre cette fantaisie dans la recherche. Le karst que vous trouverez au bout de cette ligne droite a, par contre, toutes les chances de combler votre soif de découverte, mais il saura aussi vous dérouter comme nul autre.

Les principales zones d'intérêt spéléologique connues sont situées dans les états de Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo et Mato Grosso, soit dans la partie centrale/ méridionale du Brésil. Très peu de cavités et de karsts sont connus au sud de São Paulo et au nord de l'Amazonie.

Tout a commencé pour moi un soir de mai 1996, durant le 2^e colloque des expéditions, qui s'est tenu à Méjannes le Clap. Le GSBM y projetait les images ramenées du Brésil par les premières expéditions Goiás 94 & 95. Je pense pouvoir en décrire encore quelques unes de mémoire!

Cinq ans plus tard, et après m'être installé dans la basse vallée rhodanienne, j'ai eu la chance de pouvoir enfin découvrir le Brésil souterrain avec l'équipe bagnolaise. L'équipe est surprenante. C'est normal pour une expédition a fortiori nationale, mais celle-là tire vraiment son épingle du jeu parmi les équipes de choc. On y retrouve "le chef" en la personne de Jef, puis dans l'ordre croissant de la spiritualité planante Olivier, alias "la capote", Bento "les bon tuyaux", Gilles, Valérie, Joël, beaucoup moins tranquille qu'il ne paraît, Jean-Loup "l'ermite", Guy et "la soucoupe", plus connu sous le nom de Jacques, accompagné de Nelly.

Malgré ça, ou grâce à ça plutôt, l'entente et la capacité d'organisation de l'équipe est tout à fait exceptionnelle.

Après plus d'un an de préparatif, nous avons gagné Belo Horizonte et retrouvé nos amis brésiliens du Bambui. L'équipe brésilienne est tout aussi hétéroclite avec ses explorateurs acharnés, ses intellectuels posés, ainsi que d'autres prompts à assurer ambiance et vie en continue.

La spéléologie brésilienne est organisée autour de quelques clubs. Le Bambui, avec lequel nous collaborons, est l'un des plus importants du pays et sans conteste le plus actif.

Les brésiliens oeuvrent en organisant des campagnes d'explorations qui durent

généralement une dizaine de jours. Chaque année, ceux-ci en réalisent plusieurs sur différents massifs. Et ils retournent en moyenne une fois par an sur chacun de leurs théâtres d'explorations.

Au cours de cette expé, nos objectifs étaient doubles: la serra de Ramalho, dans l'état de Bahia, et le massif de Caraga, dans le Minas Gerais.

A Bahia, on se trouve en présence de cavités chaudes à dominante horizontale : de 22° à 23°C de température ambiante. L'équipement idéal se compose de chaussures de marche légères, d'une combinaison de toile respirante, avec en dessous un short de type cycliste. Je me suis personnellement fait piéger en dédaignant ce dernier qui, aussi anodin qu'il puisse paraître, permet pourtant d'éviter des irritations douloureuses. Pour les grottes aquatiques, on peut compléter l'harnachement avec un maillot de type royl. L'équipement de verticale ne sert que de temps en temps et se trouve plus souvent au fond du kit ou au camp que sur soi. Une ceinture confortable le remplacera utilement dans bien des cas. Les gants sont recommandés au moins autant pour les marches d'approche (cactus, plantes grasses coupantes et lapiaz acérés) que pour l'exploration souterraine. Pour franchir et surtout topographier les longs passages aquatiques, les Brésiliens utilisent la technique chambre à air qui est parfaitement adaptée au contexte. Pour ce faire, on se maintient en équilibre, assis sur une bouée, le buste au sec et le cul au frais, ce qui n'est pas désagréable vu la température de l'eau. L'utilisation d'une bonne pompe à pied pour le gonflage des chambres à air au lieu de transporter celles-ci déjà gonflées durant les marches d'approche, et ensuite sous terre comme le font les brésiliens, serait par contre une amélioration certaine.

La prospection s'opère grâce aux informations glanées ça et là auprès des fazendeiros mais aussi, fait nouveau lors de cette édition 2001, à partir des cartes 1/100.000 et des photos aériennes des zones étudiées. Nous bénéficions aussi des publications antérieures du Bambui, d'excellente qualité, qui constituent une base de travail remarquable.

Les cavités sont nombreuses mais pas

toujours si faciles à localiser, essentiellement à cause de l'immensité du plateau. Il convient de noter que de nombreuses entrées du système de Baiana étaient complètement inconnues des fazendeiros eux-mêmes. Comme sur pratiquement tous les karsts du monde, c'est grâce à la perspicacité et à la persévérance que l'on réussit à découvrir des réseaux présentant un intérêt.

Les explorations sont menées au rythme du pays, entre deux soirées arrosées à la caipirinha, mais toujours avec une rigueur impressionnante. Pour travailler sur ces terres, il convient de laisser frénésie et excitation de l'autre côté de l'équateur. Les explorations se suivent et s'accumulent doucement et sûrement. Celles réalisées durant cette expédition permettent de rajouter 17 km de galeries à un puzzle qui en totalise déjà plus de 100.

La topographie, indispensable pour comprendre une cavité, est au Brésil une technique que l'on apprend avant même l'utilisation du descendeur. Et elle est pratiquée par tous les spéléos qui nous accompagnaient, je ne dis pas dès la naissance, mais presque. Dans ce contexte et en aussi bonne compagnie, c'est un réel plaisir que de participer à des explorations au Brésil, lesquelles permettent de voir grandir de nouveaux systèmes karstiques au milieu de ces grands espaces.

Au terme de 3 semaines passées dans la poussière de Bahia que soulevait les roues de nos combis, les méandres des plannings et les idées inébranlables de notre chef finissent par nous conduire à 500 km à l'est de la Serra de Ramalho, dans le verdoyant Goiás. São Domingos offre une autre facette du Brésil souterrain, toute aussi fascinante. De l'eau, beaucoup d'eau, toute celle que la poussière nous avait fait oublier à Bahia.

Une semaine plus tard, on change de nouveau de décor : les quartzites de Caraga, à plus de 2000 m d'altitude, nous attendent. Après les grands plateaux du sertão, le dépaysement est tel qu'on a bien du mal à réaliser que nous sommes toujours dans le même pays.

Au cours de cette expédition, une seule constance nous aura guidés: le plaisir de pratiquer de la belle spéléologie en bonne compagnie.

Merci à tous pour le voyage.

